

MIGUEL VEYRAT

O CÉU VAZIO



2005

ELS PLECS DEL MAGNÀNIM

Colecção dirigida por Ricardo Bellveser

101

Tradução:
Luís Filipe Sarmento

© Miguel Veyrat, 2005

© Da presente edição:

Institució Alfons el Magnànim

Diputació de València, 2005

Corona, 36

46003 València

iam@alfonselmagnanim.com

www.alfonselmagnanim.com

Desenho de Miguel Veyrat para a capa
e letra capitular de Juan Ramos

Depósito Legal: V-1310-2005
Impresso em Lluís Palacios, Sueca

*Prolongamento da viagem contra a luz confusa,
onde escrevi a morte, devbe dizer a vida*

JORGE VALDÉS DÍAZ-VÉLEZ

A MINHA MÃE

a minha terra
a minha campa
chamam-me ao mesmo tempo.

E a minha casa
os meus olhos
e as minhas mãos
parecem-se com a noite.

A CHAVE da minha língua
violou a casa onde habitas:
E soava uma só voz
entre o poente e a aurora.
Eu não sei quem vive
nesta noite
nem quem canta
ou se já está morto.
Haverá que nomear, novamente, tudo
à luz indecisa desta vida:
*Como sabes tão bem a fonte
ainda que seja de noite.*

A SAGA DA TUA VOZ

–razão que arde
entre risos e jogos,
no espaço de luz negra busco

Nascer de novo
–ou nascer sem morte,
como no momento
frágil da tua mente
quando me pensaste.

E se te fez
de repente canto
a infinita noite
–o teu medo, o meu
medo de pronunciar-te.

QUANDO MORRER
não poderei
contar o tempo.

Tu, por outro lado
estarás se
puder falar de ti.

Ponto zero. Fulgor
do outro, muros
de Sol pintados:

Sobre a minha língua
amanhece o poente
todos os dias.

DEMASIADO
escuro o coração:
Entra pois
ou canta
no umbral ama
o faz
o que quiseres
Vem para o meu lado
ou regressa
à memória!

–Aprendo
as novas melodias:
Liberdade
ou crime

Cântico ou vazio.

POESIA, metáfora
do silêncio
que canta
quanto Deus cala:

Canta quebra
escarpados
de bruma. Ah
renasce rezando

A minha própria voz.
Ocupa-me
com as tuas palavras
Canta, pelo amor de Deus!

Ou só haverá
sons puros
sem sede
nem saga nem sentido.

COMIGO

a morte vem
como o acaso que seca
as raízes atadas
–pó e tempo
debaixo da árvore.
Ela estará
até quem silve
o teu canto na manhã
–alento de aves
aguardando para serem nascidas
E por acaso nos dissolva.

DESCENDO pelo nada
ao pairo do falcão.
Sei que estão a subir
novos mortos
para a gleba. Oh,
planta aqui a minha morte
porque brotam risos
e desejos! Que ao outro
dou a vida
as canções e o enterro.
Tu és eu
quando me vieres ceifar.

ALMA, EU TE APRENDO
cada vez que chega
um novo morto
para se fundir com a essência
daquele homem
–também cego e não mortal
que comigo sobrevive.
Mas remo ainda
Pelas veias
da prata silenciosa
e ajudo o vento
a roubar mais soma pelo Oriente.
Juntos confiscamos
indivíduos à minha espécie
para rir e brincar felizes
julgando-os imortais.

FORÇADO A SER
–inadaptado a tudo,
só a minha morte
conseguirá reflectir-me
na tua cópia mínima visível

Oh cosmos! Em constante
ruptura com a tua bondade
primeira renuncio
a ser um todo: Não quero
transformar-te.

A minha própria morte
–pecado original,
nos misturará no espelho
para abandonar finalmente
a violência sem fim.

POR UM INSTANTE
creio-me um anjo
e construo
colunas de infinito.
Mas o sangue
leva-me até aos fossos
que nos cegam
iluminam e dispersam
no nimbo
de outras sombras.
Lacónico e distante
– como um guerreiro
beberei a minha própria morte
desprezando
as tuas esmolos: Mioslos
cantos pensamentos.
Não cantarei
Para crer que vivo.

E SE DEIXASSES JÁ DE SER
viagem ou malefício salto ou rio
para ser tão só imagem
da vida território
e limite imenso da minha espécie?
Quando não haja sonho
Nem metáfora que na luz
intermédia nos separe
só um rasto me fingirá
imortal – neve que suprime
o mundo na sua suave queda
sobre os vivos e os mortos.
Assim deixarei esta terra
desvio insone entre duas covas:
Então tu também
morrerás Oh morte! Para ser
uma vez mais céu vazio.

NASCEM OS DEUSES
na caligem dos vales
da morte – onde habitam
por fim possíveis
as coisas imaginadas.
Caem logo frias
na chaga incurável
– onde não se é fracção
de dois senão o nada.
Quando termine este incêndio
e se apaguem as brasas
dos nossos nomes
Tudo voltará no céu
à quietude anterior.

QUANDO já não tenha sombra
e o meu génio ao norte voe
–entre a água e os espelhos
com o vento virei ver-te.

Sombra negra ou sombra clara
–sono quebrado atrás da fronte
serei sempre para o outro:
Comigo o meu duplo dorme.

CANTA e caminha
pela via real:
Diz que não há morte
que só és tu
que está a morrer.

SOLSTÍCIO vapor difuso
da terra queimada:
Abre-me à luz
verdade que dança sem fim algum.

NOSTOS

*Em memória
de Cesare Pavese
e de J. A. de Goytisolo*

AH, SE FOSSES tu possível ainda!
Se pudesses pronunciar
de novo a tua palavra
num momento sem tempo
e fazer como naquele dia primeiro,
que tudo fosse possível:
Como regressar cantando
a casa. Eu inventaria
então para ti
um novo alfabeto,
onde amar consistisse
em pronunciar lentamente essa palavra,
com todas as suas letras
e o teu próprio acento, a toda a hora
e num lugar sem data
que fosse meta e partida –e regresso
a cada passo, ao mesmo tempo.

NÃO TEMEREI a morte
quando acabem as palavras,
pois se aviva a minha voz
ao vento que dá vida,
que se agita
ou brilha em majestade sombria,
e às vezes treme.
És mais forte
que o amor e o medo,
e mais forte
que toda a morte. (Um galo
cantará quando acabem
as palavras
– mistério: Metade sonho
e meio espelho o aguilhão, silêncio).
Por fim serei real: Fazendo
morrerei, morrerei vivendo.

VIRÁ a morte e terá
os teus olhos. E não saberão os meus
olhar para que norte,
para que resplandecente nada
entregar a nova imagem,
para que poço.
Quando a névoa dissolver
a minha memória, olharei
para dentro buscando o sentido
às fronteiras, às chamas
e às rosas. Eu mesmo serei
o teu último olhar. Com os teus próprios
olhos olharei a minha morte.

VOLTARÁS noviça
e afogueada, perguntar
pelo espelho congelado
nas minhas pupilas. Nem a minha língua
saberá onde se encontra
a minha consciência, formulando
de novo as perguntas: Para além
do limite, por cima
das vozes. Virás. E falarás
a minha língua. E brincarei com ela.
Sobre o ângulo recto
Do meu último olhar –impossível
razão, abóbada curva
dos espaços em sombra,
olhar-te-ei novamente.

APOIAR-me-ei no teu sopro,
tão leve que me leve
–perdido o rumo
por vales anteriores
ao bosque onde observas.
Tu vais para além de onde
vejo, mas deixas-me só
para que suba à cova.
Vou torcido. Bebo o teu alento.
E tapo a cara: Não quero ver
o primeiro reflexo
que lá me aguarda e levo
para sempre no vidro
dos olhos. Cairei, pois, para cima, girando
mudo e cego, transparente.

ABRO os olhos e morro,
memória que caminha medo
de outro exílio resgatada.
Acaso deus aterrado
como o menino que me olha –vi-
da perdida.

QUERO só ser
a luz do Sol pintada
sobre uma parede.

*Le reste git en ce point de lumière
que nous appelons l'Ombre, le grand Point antérieur aux
dieux vers lequel...*

RICARDO REIS

A edição do número 101 de
ELS PLECS DEL MAGNÀNIM,
O céu vazio
de Miguel Veyrat,
foi impresso em papel Torreón,
quer o seu miolo quer a sobrecapa,
em tipo Didot para o texto.
Acabou de se imprimir
no dia 28 da Maio de 2005,
em Sueca,
nas oficinas da tipografia
de Lluís Palacios

